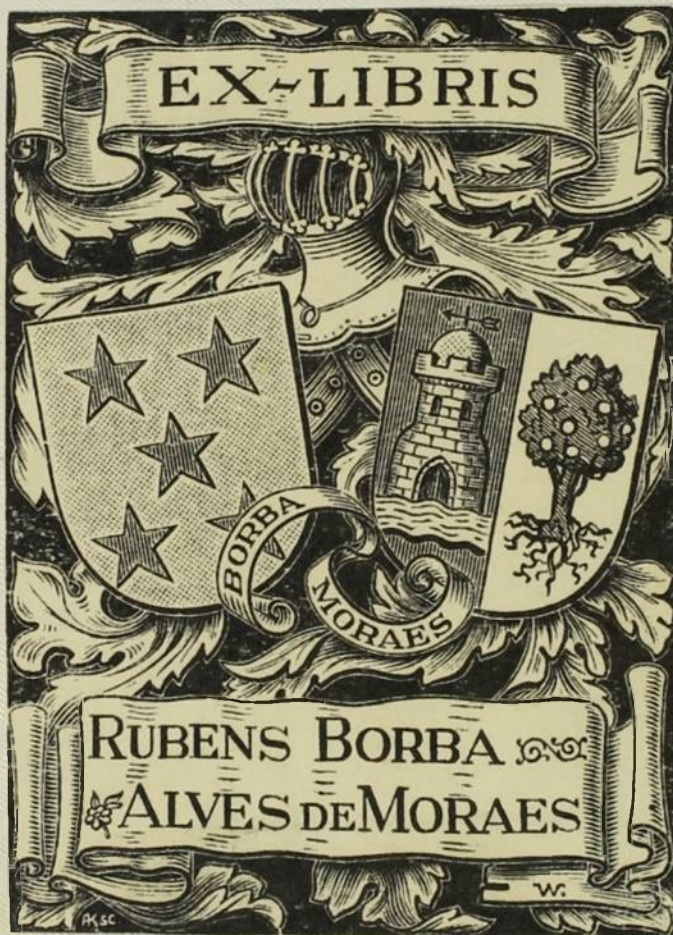




M.II.



£5 -

Dedication points in Palace

P.1286

ELOGIO FUNEBRE

DE SUO MAGISTRO MICHAEL A. DEAN

O. S. DEAN

DE SUO MAGISTRO MICHAEL A. DEAN

DE SUO MAGISTRO MICHAEL A. DEAN

DE SUO MAGISTRO MICHAEL A. DEAN

DE SUO MAGISTRO MICHAEL A. DEAN

DE SUO MAGISTRO MICHAEL A. DEAN

DE SUO

DE SUO MAGISTRO MICHAEL A. DEAN

DE SUO MAGISTRO MICHAEL A. DEAN

DE SUO MAGISTRO MICHAEL A. DEAN

DE SUO MAGISTRO MICHAEL A. DEAN

ELOGIO FUNEBRE

DE SUA MAGISTADO IMPERIAL E DE

O SENHOR

DOM PEDRO IV.

DE BRASÍLIA

DE 1834

A

DE SUA ALTEZA O PRINCE REI

DE

DE BRASÍLIA

DE 1834

EXHIBIDA: 1834

TYPOGRAPHIA DE SILVA — RUA DOS DOURADORES N. 21 — P.

ELOGIO FUNEBRE

DE SUA Magestade Imperial e Real

O SENHOR

DOM PEDRO IV,

DUQUE DE BRAGANÇA.

RECITADO NA IGREJA DA LAPA NO PORTO EM 24 DE SETEMBRO DE 1849,

E DEDICADO

A SUA ALTEZA O PRINCIPE REAL,

POR

D. Luiz do Pilar Pereira de Castro,

Conego Mestre-Escola da Cathedral do Porto, Doutor em Direito pela Universidade de Coimbra, Cavalleiro da Ordem da Conceição de Villa Viçosa, e da de S. Mauricio e Lazaro de Sardenha, Deputado ás Côrtes.



LISBOA: 1850.

TYPOGRAPHIA DE SILVA. — RUA DOS DOURADORES N° 31 — T.

ELOGIO FUNEBRE

DE SUA MAGNITUDIN IMPERIAL E REAL
COMISSÃO DE ENCOMENDAS
O SENHOR

DOM PEDRO IV

PRIMEIRO REI DE PORTUGAL E ALGARVES

PRIMEIRO REI DE PORTUGAL E ALGARVES

PRIMEIRO REI DE PORTUGAL E ALGARVES

PRIMEIRO REI DE PORTUGAL E ALGARVES

PRIMEIRO REI DE PORTUGAL E ALGARVES

PRIMEIRO REI DE PORTUGAL E ALGARVES

PRIMEIRO REI DE PORTUGAL E ALGARVES

PRIMEIRO REI DE PORTUGAL E ALGARVES

PRIMEIRO REI DE PORTUGAL E ALGARVES

PRIMEIRO REI DE PORTUGAL E ALGARVES

PRIMEIRO REI DE PORTUGAL E ALGARVES

PRIMEIRO REI DE PORTUGAL E ALGARVES

PRIMEIRO REI DE PORTUGAL E ALGARVES

Serenissimo Senhor.

Quando a natureza e arte, discretamente dirigidas pela acrisolada sollicitude dos Augustos Paes de Vossa Alteza Real, como que á porfia, se dão pressa em annunciar á Nação, que Vossa Alteza Real em breve tempo será um Principe dotado dos mais completos attributos — solida garantia de prospero reinado, que no porvir o aguarda — que associação d'idéas mais natural póde surgir á mente, do que aquella, que, baseada na identidade dos nomes, nos traz á memoria as heroicas virtudes politicas e militares do Augusto Avô de Vossa Alteza Real, o Immortal Duque de Bragança, o Sabio Legislador da Carta Constitucional, objecto d'eterna saudade e veneração para todos os Portuguezes?

Não ha, por certo, um Modêlo mais digno das elevadas propensões de Vossa Alteza Real.

Foi esta lisongeira associação d'idéas, o que me inspirou a resolução de impetrar de Vossa Alteza Real a permissão de lhe dedicar o elogio funebre, que em 24 de Setembro de 1849 tive a honra de recitar na Igreja da Lapa no Porto, por occasião da commemoração funebre e religiosa, que os habitantes da Cidade Invicta ahi costumam annualmente fazer, das heroicas virtudes

do Augusto Avô de Vossa Alteza Real — o Muito Alto e Poderoso Senhor D. Pedro d'Alcantara Bragança e Bourbon.

Receio, que a imperfeição deste meu trabalho oratorio torne defeituosa a descripção das extremadas virtudes do Legislador Philosopho e Guerreiro, cujas illustres pisadas Vossa Alteza Real não póde, certo, contemplar, sem assombro e ufania. Porém a singular intelligencia de Vossa Alteza Real, já tão admiravelmente cultivada, saberá supprir todos os meus defeitos; e ao mesmo passo conseguirei, que o Augusto e Prezado Nome de Vossa Alteza Real, collocado á frente desse mesmo trabalho, ennobreça sua humildade, e sirva de salva-guarda contra toda a desapprovação, que o publico lhe possa infligir.

Digne-se Vossa Alteza Real tomar este procedimento, como testemunho da mais profunda e respeitosa dedicação, que a Vossa Alteza Real, como Augusto Membro da Regia Estirpe, que felizmente nos rege, tributa

O mais reverente subdito.

D. Luiz do Pilar Pereira de Castro.

do Augusto Avô de Vossa Alteza Real — e Me-
to Alto e Poderoso Senhor D. Pedro d'Alcanta-
ra Bispaça e Bourbon.

Receio, que a impetição deste meu trabalho
ostente todas as delicias a descriptão das ex-
tas virtudes do Esgaardo Philosopho e Guer-
reiro, e suas illustres Vozes, Vossa Alteza Real
não pôde, certo, e comtudo, sem assombro e
estranha forma a singular intelligencia de Vossa
Alteza Real, e a admiravelmente admirada.
aspeto superior todos os meus delicias, e a des-
no caso de Vossa Alteza Real, e a admirada
Nome de Vossa Alteza Real, e a admirada
desse magno trabalho, e a admirada
e a admirada

Facta est quasi vidua domina gentium: princeps provin-
ciarum plorans ploravit.

*A senhora das nações veio a ser como viuva ; a rainha
das provineias derramou copiosas lagrimas.*

(Do primeiro capitulo das Lam. do Propheta Jeremias).

Exm.º e Revm.º Sr. (*)

A Lusitania, este glorioso paiz, a que temos a honra de
pertencer, e que ha sido tão grande nos Fastos das Na-
ções, neste momento se me representa resumida em duas
grandes cidades, a que eu não duvido denominar — Se-
nhora das Gentes, Rainha das Provincias.

E quem de vós, Senhores, poderá contestar estes magesto-
sos epithetos, que eu dedico ás duas capitaes do nosso reino?

[*] Presidia ao acto religioso o respectivo Ordinario.

Acaso não foi Lisboa o maior emporio do mundo quando os Portuguezes, dedicados á conquista e navegação, sulcaram mares nunca d'antes navegados, descobriram e avassallaram novos e incognitos mundos, subindo assim Portugal á cathegoria de primeira Potencia maritima, que empunhou o sceptro dos mares até ás mais longes terras, onde os Gamas, Castros, Albuquerque, e tantos outros varões Portuguezes acharam espaçoso theatro para ostentar sua heroicidade?

Certo, nenhuma Côrte da Europa, em tempo algum, viu um diadema adornado de tão refulgente poderio, como aquelle, com que a Côrte de Lisboa viu cingida a fronte de nossos monarchas nos dias em que elles possuíam a realidade de todos os seus gloriosos titulos.

E o Porto, Senhores, não é verdadeiramente a Rainha das Provincias?

Não é o centro de uma vasta periphèria, onde immensos interesses agricolas e industriaes vem entregar-se ao fluxo e relluxo do commercio? Não é uma grande cidade, que em todas as epochas politicas tem feito um papel saliente, nomeadamente na grande epocha, que eu hoje tenho de vos commemorar?

Por certo as duas grandes cidades do reino são dignas de se denominarem — uma, Senhora das Gentes, e outra, Rainha das Provincias; e sem mesmo forçar muito as idéas, e as circumstancias, são applicaveis os mesmos epithetos a esta segunda capital.

Mas em que estado se me apresenta hoje esta Senhora das Gentes, esta Rainha das Provincias, esta cidade invicta?!

No estado de viuvez, orfandade, lucto e pranto; — no estado, Senhores, que eu vejo claramente estampado em vossos rostos, hem como nas negras côres, que entenebrecem as paredes deste sanctuario, fazendo tudo uma lugubre harmonia com as palavras de meu texto!

Facta est quasi vidua, etc.

Quaes são porém as passadas ligações, que tinha com esta cidade o varão, cuja falta eu vejo deplorar com tão grande magoa e sentimento?

Funebres emblemas da morte, instrui-me sobre este ponto. (Que magestosa e pathetica lição! . . .)

Vós me descreveis a pompa real abatida e prostrada pela foice da morte! . . . Vós me descreveis essa pompa convertida em pompa funebre, fazendo-me vêr que a purpura dos reis tambem está sujeita á injuria dos vermes! . . . Vós me indigitaes funérea urna com preciosos restos mortaes; trophéos de guerra; duas coròas; tudo, tudo humilhado e obscurecido debaixo do sombrio veo da morte! . . .

Basta, Senhores; basta para concluir, que o varão, que deploramos, foi um Principe, foi um Guerreiro, foi um Principe e um Guerreiro Amigo e Protector dos Portuguezes. Mas para que é suspender os animos, quando tudo se comprehende?

Houve, sim, uma epocha, em que esse varão extraordinario soube espozar os sentimentos de seu coração com os desta cidade heroica em levar a effeito uma empreza estu-
penda.

Houve uma epocha, em que esse heroe de dois mundos, tendo encaminhado um povo á liberdade, veio corroborar outro povo na liberdade, que outr'ora lhe outorgára, mas que uma mão hostil havia destruido.

Houve uma epocha, em que um grande numero de Portuguezes, entregues aos horrores do ostracismo e ás privações do exilio, precisavam d'um Josué politico, que os conduzisse á terra da promissão, á terra d'uma patria livre.

Houve uma epocha emfim, em que esse amigo, esse libertador e protector dos Portuguezes, para vencer todas as difficuldades da sua ardua empreza, achou nesta cidade, Rainha das Provincias, a mesma cooperação e auxilio, que um esposo extremoso acha da parte d'uma esposa fiel.

Que cousa pois mais natural, Senhores, do que, na falta desse amigo e bemfeitor, considerar-se esta cidade reduzida á viuvez mais afflictiva, e seus habitantes á mais dura orfandade?! *Facta est quasi vidua*, etc.

E precisareis vós, Senhores, de que eu vos diga mais explicitamente ainda, quem é esse protector extraordinario, cuja falta hoje todos carpimos?

Acaso não o tendes retratado em vosso coração, como elle proprio vos tinha retratado em o seu, quando vos enviou esse mesmo coração, para o terdes em perpetuo deposito, e na sua contemplação nutirdes as idéas de pura liberdade, que vos legára?

Ao pronunciar estas palavras, todos vós me tendes prevenido, e transportando-vos em phantasia (quando para lá não possaes volver os olhos) ao logar do Evangelho, tendes dito para vós mesmos: — O Principe, de quem o Orador falla, é o Muito Alto e Poderoso Senhor D. Pedro d'Alcantara Bragança e Bourbon, Imperador do Brazil e Rei de Portugal: acolá está o precioso penhor que elle nos legou, para prova de quanto os sentimentos de seu coração se haviam identificado com os desta cidade nos desejos e fadigas da liberdade.

Salve, oh veneranda imagem do melhor dos Principes! Eu terei hoje de commemorar as inspirações de sabedoria, e as pulsações de coragem, que te affectaram, em quanto a vitalidade te animava a pro dos Portuguezes.

Sim, Senhores: eu terei hoje de vos entreter com a sabedoria politica, e com a coragem guerreira do Libertador dos Portuguezes; e espero me escutareis com o mesmo interesse, com que uma esposa, na sua viuvez, recorda as virtudes do seu esposo, e os filhos na sua orfandade, recordam os beneficios de um pae saudoso.

Assim o ousa esperar; porque vejo, que esta cidade sympathisa consideravelmente com os Principes Philosophos e

Guerreiros; ainda ha' poucos dias expirou entre vós um, a quem tributastes a mais honrosa hospitalidade, e dedicastes os mais valiosos obsequios, assim na vida, como na morte: sabeis que fallo do famoso Conde de Barge.

Esse Principe tinha varios pontos de contacto com o nosso Principe nacional: foi Philosopho e Guerreiro como elle; deu, como elle, Instituições livres a seu povo, e a independencia lhe quizera dar, se dar-lha fôra possivel; sustentou, como elle, cruas e encarniçadas guerras, por causa da liberdade e independencia de seu paiz; morreu enfim, como elle, de morte prematura, curtido de desgostos e trabalhos.

Eu não pretendo fazer parallelos, que offendam as sympathias de ninguem; pretendo sim declarar-vos, que se haveis sido tão exactos em avaliar as virtudes desse Principe estrangeiro, não deveis ser menos exactos em avaliar as virtudes do nosso Principe Nacional, em cuja escola é que aprendestes a tratar bem os verdadeiros amigos da liberdade.

A respeito pois do nosso Principe Nacional, a respeito do Senhor D. Pedro d'Alcantara Bragança e Bourbon, avaliarei comigo a sua heroicidade politica e militar. Eu vos mostrarei, que elle foi um heroe politico, dando-nos Instituições livres, com que restringiu os antigos poderes dos Monarchas de Portugal: e que foi um heroe guerreiro consolidando pelas armas e por sua extraordinaria valentia militar essas Instituições que nos outorgára. Em seguida a deducção dos factos me levará a mostrar-vos, que a sua morte tambem correspondeu a tamanha heroicidade. Eis-aqui os tres pontos, sobre que farei girar todo o meu discurso.

Verdadeiro Espirito do Evangelho! Espirito de doçura, de mansidão, e de paz! Eu vos invoco neste momento. Assisti-me; e eu não temerei as difficuldades de fallar d'um modo digno deste logar, digno do assumpto, e digno da

paz e concordia, que deve existir entre todos os Portuguezes.

Venerando Antistite! Vós, a quem primariamente pertence evangelisar a palavra; vós, de quem eu derivo toda a autoridade de a evangelisar nesta Diocese, que sabiamente regeis; vós emfim, por quem tenho a honra de ser escutado, desculpai meus defeitos, do mesmo modo que um mestre desculpa os defeitos do proprio discipulo.

E vós, Senhores, não espereis de mim, que eu venha a este logar santo empregar a linguagem apaixonada dos partidos: aqui só me é licito advogar o Evangelho, ou fallar de qualquer assumpto em harmonia com o mesmo Evangelho. Se alguma palavra pois me escapar, que offenda a susceptibilidade d'alguem, seja attribuida á natureza do assumpto ou á deducção das idéas, e de nenhuma sorte a intenção deliberada.

Uma cousa vos peço mais; e é que tenhaes a devida indulgencia para com um orador, que não teve mais que cinco a seis dias para meditar seriamente sobre um assumpto mal traçado alguns dias antes, quando uma cerimonia funebre analoga a esta lhe absorvia toda a attenção.

Assim o espero d'um Auditorio tão illustre, tão luzido, e variado.

PRIMEIRA PARTE.

Já o Orador Romano havia dito, que todas as artes e disciplinas tem entre si um certo parentesco, que as une; mas é nos nossos dias que essa alliança das letras e sciencias se tem feito valer em toda a sua extensão: foi no curso do seculo 18, que as sciencias todas foram profundamente cultivadas, e seus pontos de contacto notados, de modo que a mesma sciencia da legislação e do Direito Politico, foi confrontada com a Filosofia do Direito, e por ella regulada.

Foi este movimento geral dos espiritos, que ostentou todas as riquezas da familia das letras e sciencias, o que tambem preparou esse grande movimento social do fim do mesmo seculo, que acabou com um mundo velho, e formou um mundo novo sobre bases sociaes, que um escriptor celebre (a) ousa comparar com as taboas da Lei dadas no Sinai; por isso que, se essas foram promulgadas entre trovões, e relampagos, aquellas foram promulgadas entre sangue e ruinas.

O certo é que essas bases tem passado a travez de todas as epochas do absolutismo, e ainda hoje, mais ou menos, são as primeiras linhas de quasi todas as Constituições livres da Europa.

Ora o Senhor D. Pedro de Bragança, que não era hospede nas sciencias, nem estranho á influencia de seu seculo, concebendo o generoso pensamento de nos dar Instituições livres, organisou-as em harmonia com os principios de Direito publico, mais bem modelados em seus dias pela Philosophia do Direito.

A sua divisão de poderes é muito conforme com a doutrina d'um celebre Publicista (b); a sua noção de poder Moderador é altamente elogiada por esse celebre escriptor de nossos dias, a quem os espantosos acontecimentos de França acabam de votar ao ostracismo (c): esse escriptor tece um magnifico elogio ao Imperador do Brazil, por consignar na Constituição Brasileira a noção do Poder Moderador, a mesma, que se acha consignada na Carta Constitucional da Monarquia Portugueza.

Mas aqui é onde principia a apparecer a heroicidade politica do nosso sabio Legislador.

Qual é o Monarcha, a não ser verdadeiramente Philosopho e illustrado, que não deseja dilatar o seu poder, mórmen-

[a] Lermenier — Introduction Générale a l'Histoire du Droit.

[b] Benjam. Const. — Cours de Politique Constitut.

[c] Mr. Guizot — Hist. Génér. de la Civilisat. en Europe.

te, quando, para o fazer, não precisa de mais, que seguir as pisadas de seus Maiores, e conservar o Governo debaixo da fôrma absoluta, em que lhe foi legado e transmittido?

Mas que fez o Senhor D. Pedro?

Outorgou a Carta Constitucional, não no sentido commum e ordinario de *conceder*; mas no sentido restricto de *desistir* de certas vantagens, de que antes se estava de posse.

E' neste sentido que o Senhor D. Pedro 4.^o, que pela ordem legal da successão havia entrado na plenitude das attribuições concedidas pela antiga Constituição do Estado a seus maiores, dirigindo-se pela Carta Regia de 29 d'Abri! de 1826 á Nação Portugueza, desistiu da plenitude do poder legislativo, de que estava de posse, para o ficar exercendo conjunctamente com as Côrtes Geraes do Reino, em conformidade com os principios do Governo Representativo, isto é: extinctos todos privilegios, que não tem essencial connexão com a utilidade publica.

A outorga pois, neste caso, o que mais significa, é — proposta para se alterarem as clausulas do mandato do Monarcha, e crearem-se Instituições correspondentes a essa alteração, ou refôrma do pacto social.

Mas qual é o Monarcha, que escutando os sentimentos ordinarios do coração humano, restringe e refôrma o seu mandato, para abnegar uma porção de seus poderes? Não é isto um rasgo de generosidade? Não é isto uma verdadeira heroicidade politica? Não são estes os sentimentos d'um Principe, que antes quer a felicidade social do seu povo, a utilidade publica, e o bem estar dos Portuguezes, do que a satisfação do seu proprio orgulho? Não é este o proceder d'um Principe verdadeiramente Philosopho, e illustrado, que antes quer ser denominado Pae, do que senhor absoluto dos Portuguezes?

Foi por certo este um pensamento verdadeiramente heroico e generoso da sabedoria politica do Senhor D. Pe-

dro, que melhor se evidencia, se nós observarmos quanto os poderes do Monarcha ficam restrictos e cerceados em presença do governo Representativo.

A idéa do Governo Representativo, Senhores, presuppõem duas cousas: — que o exercicio de quaesquer poderes politicos deriva de anterior e legitima delegação da Nação; e que esses poderes não podem ser exercidos com a devida ordem e regularidade, senão divididos e separados, de modo que os agentes desses poderes são mutuamente irresponsaveis, em quanto exercem as suas respectivas attribuições, em conformidade com as leis, que regulam o seu mesmo exercicio.

Por este modo fica a Soberania dividida e ramificada no poder legislativo, que o Monarcha reparte com as Côrtes, no Executivo, que subdelega aos Ministros, e no Judiciario que demitte de si para os Magistrados.

Com esta distincção de poderes esta essencial e intrinsicamente connexa a responsabilidade dos Ministros, e a inviolabilidade do Monarcha, sobre que assenta toda a estrutura da Monarchia Constitucional.

Não é preciso ir mais longe, Senhores, para já fazer idéa da grande, da generosa abnegação de poder, que o Senhor D. Pedro espontaneamente propoz em menoscabo de seus antigos direitos, quando outorgou a Carta Constitucional. Acaso não é mais lisongeiro ao amor proprio e vaidade dos Monarchas reunir em suas mãos toda a plenitude dos poderes, para dizer quando lhes aprouver — *sic volo, sic jubeo; stet pro ratione voluntas?* Acaso o systema absoluto, que lisongea os Monarchas, a ponto de concentrar em suas mãos todos os poderes, inclusivamente o Judiciario, com a extensão, que lhe davam as velhas Ordenações do Reino, isto é — reputando o Soberano superior á Lei, e com faculdade de julgar segundo a sua consciencia, e sem curar das provas (d); acaso, digo, esse systema não

[d] Ord. l. 3 t. 66.

é mais agradável aos sentimentos ordinarios do coração de um Monarcha, do que o systema Representativo, que obriga a considerar o Rei, como alto Mandatario da Nação no exercicio da Soberania, e os Ministros, como Subdelegados do Soberano no exercicio da mesma Soberania?

Será preferivel, torno a dizer, para os sentimentos ordinarios do coração humano, tanta restricção de poder actual a tanta amplitude de poder antigo?

Senhores: se heroicidade é divergir em sentido honroso da senda que trilha o commum dos homens; se heroicidade é combater e superar os sentimentos ordinarios do coração humano, Heroe foi o Senhor D. Pedro de Bragança, o Legislador Philosopho: a primeira parte da proposição não a podeis negar, que é de intuição: logo tambem não podeis negar a segunda, que acabo de vos mostrar.

Esta heroicidade politica do Legislador Philosopho sobe de ponto, observando que por ella não só combateu e superou o orgulho e vaidade, que ordinariamente affecta o coração dos Monarchas; mas tambem combateu e superou o poderoso sentimento do amor paterno, que faz desejar aos filhos todos os commodos, todas as prerogativas, todas as vantagens possiveis.

Sim, Senhores: ao passo que escutando esse poderoso sentimento, o Senhor D. Pedro devêra transmittir a sua Augusta Filha os Poderes Magestáticos, o mais ampliadados, que fosse possivel; pelo contrario, por meio das Instituições livres, que nos outorgou, não só os restringiu espontaneamente para si mesmo, mas os transmittiu assim restrictos a sua propria Filha; fez mais: dentro dessa orbita em que os coarctou, abnegou-os completamente pela abdicção.

Que mais argumentos são precisos, Senhores, para patentear a grande heroicidade do Legislador Philosopho, que pela outorga da Carta Constitucional mostrou preferir o melhoramento social dos Portuguezes ao engrandecimento

do seu proprio poder, ou ao engrandecimento do de sua Augusta Filha?

Não ha duvida: o Senhor D. Pedro tomando elle proprio a iniciativa na reforma do antigo pacto fundamental, mostrou sobejamente o seu character philosophico e illustrado; mostrou bem quanto estava persuadido de que os povos não foram feitos para os Monarchas, mas sim estes para a felicidade de seus povos: mostrou bem quanto estava persuadido de que a associação politica deve ser organizada de sorte, que seja a melhor salva-guarda dos direitos communs e imprescriptiveis da individualidade racional — igualdade, propriedade, segurança, e liberdade: é neste sentido que um celebre Chanceller Inglez (e) disse — que o Direito Publico regulador das organizações politicas deve ser a tutela e o abrigo do direito particular dos individuos.

Ao mesmo passo porém, Senhores, que eu vos tenho mostrado a heroicidade e generosidade politica do Senhor D. Pedro 4.º, outrosim vos tenho patenteado o inestimavel beneficio das Instituições livres, que os Portuguezes principiarão a saborear, quando em breve a mão hostil do absolutismo lhas arrebatou.

A Providencia quiz que os vãos da liberdade fossem ainda uma vez comprimidos: a Carta desapareceu, e Portugal voltou aos ferros.

Talvez agora espereis de mim, que vos pinte com côres carregadas, o horroroso quadro, que passou ante nossos olhos durante essa dominação d'um absolutismo reaccionario. Oh! não. O meu coração repugna a tanto; soffrei, que eu neste momento deixe de ser Orador, ou antes, continue a ser máu Orador: as feridas ainda gotejam sangue, ainda não estão cicatrizadas: e (o que é peor) querem renovar-as pelo pugillato da imprensa! Consultae pois vossa propria re-

[e] Bacon — *Legum Leges; At jus privatum, sub tutela juris publici latet.*

miniscencia; que ella suppra meu silencio, e isso bastará para concluirdes, que a Providencia não podia proteger um systema de tanta intolerancia, que queria pela violencia e crueldade introduzir nos espiritos convicções que elles não queriam, ou não podiam abraçar; pelo contrario que a mesma Providencia quiz dispor as cousas de modo que tudo bradasse por um Libertador Guerreiro. Ei-lo atravessa os mares, para mostrar aos Portuguezes, que não só era um heroe politico, que havia levado sua generosidade a ponto de restringir seus antigos poderes monarchicos, para melhor felicitar os Portuguezes; mas tambem um heroe militar, que por sua coragem e constancia marcial devia consolidar as Instituições Liberaes, com que tinha restringido esses mesmos poderes.

SEGUNDA PARTE.

Estava escripto nos destinos de Portugal, que a Carta outorgada por um Principe, fosse por outro Principe destruida; e que, para ella se consolidar, se tornasse conquistador o mesmo Principe, que havia sido Legislador.

E' chegada a occasião de contemplarmos o Senhor D. Pedro 4.^o, como um verdadeiro sol de dois mundos, Beneficio e radiante para ambos, como o astro do dia, quando os illumina successivamente. Não contente com haver dirigido a civilisação do Brazil, abdica esse imperio, atravessa os mares, e apparece, como por encanto, na Europa, para consumir a liberdade e civilisação dos Portuguezes.

Sim, oh Magnanimo Duque de Bragança, não bastava, que vós, procurasseis, pela prudencia e sabedoria politica, libertar e felicitar os Portuguezes; era preciso de mais, que apresentasseis a heroicidade guerreira de um Carlos 12, de um Sobieski, de um Napoleão mesmo; e que applicasseis essa heroicidade á consolidação da obra

que havieis encetado. Só assim é que podereis ser o verdadeiro Messias politico dos Portuguezes, que viesse enxugar o pranto do infortunio, e resgatar Portugal do pesado jugo do absolutismo.

Assim o vemos acontecer. La sôa nos rochedos da Terceira o primeiro grito da Liberdade, entoado por um punhado de bravos, que com o valente Duque da Terceira á frente (assim depois denominado com o nome da mesma Ilha) em breve generalisam a mesma briosa inspiração pelas ilhas de S. Jorge, Pico, Faial, e S. Miguel.

O Senhor D. Pedro chega á Europa em 1831: no mez de Fevereiro de 1832 parte do Porto de Belle-Isle para os Açores, e vai tomar o commando das tropas da Rainha sua Filha, que pelas victorias do mesmo valente Duque haviam subido ao numero de 6,500 homens.

Mas que enternecedor espectaculo se apresenta agora a meus olhos!

Em um dia do mez de Junho, ao nascer do sol, em tempo de calmaria, eu vejo este pequeno exercito, com o Imperador á frente, ouvir Missa, alguns minutos antes de embarcar, celebrada n'um altar de madeira, levantado no meio do campo. Os navios de guerra e os transportes empavezados estavam á vista cobrindo o ancoradouro de Ponta-Delgada, e completando assim a magestosa simplicidade do espectaculo. Vós mesmos, Senhores, podeis imaginar o fervoroso transporte, com que os soldados, depois de quatro annos de exilio e infortunios, pediram ao Todo Poderoso, que se dignasse restituir-lhes patria e familias, dando-lhe ao mesmo tempo graças por os haver já collocado na situação de poderem ao menos vencer ou morrer na terra natal!

Ah! A esperanza era tão grande, como a empresa que se tentava, e tão vasta como o mar que os separava da scena! Mas enfim o dia 8 de Julho veio illuminar o orbe, e restituir á patria uma boa porção de filhos proscriptos:

foi nesse fausto dia, que o exercito libertador desembarcou ao Norte do Porto, e no dia seguinte entrou nesta cidade. Quem pôde agora Senhores, descrever, a alegria, que banhava o coração, e brilhava dos olhos destes illustres proscriptos, ao pisar o paiz da infancia, e ouvir fallar nas ruas a linguagem materna? Ha cousas que se não podem explicar: quem pode decidir de que lado era o prazer mais intenso, se do lado desses illustres profugos, que pisavam outra vez o solo de uma patria saudosa, ou do lado dos parentes e amigos, que os recebiam em seus braços entre lagrimas de jubilo, ao mesmo passo que outros sobre elles derramavam uma chuva de flores?

Mas era preciso que se realisasse a maxima da Escripura: — Em seguida ao gosto tem lugar a tristeza (f): e estes valentes Proscriptos bem sabiam, que vinham para vencer ou morrer sobre o solo da patria, como nos rochedos da Terceira o haviam supplicado ao Todo-Poderoso. A lucta devia ser espantosa e renhida; mas é por essa mesma lucta desesperada, que a Providencia queria decidir para sempre os destinos da liberdade e do absolutismo!..

Porém, que contraste tão terrivel e desanimador! Os campeões da liberdade são 7:500 homens, ao passo que os sustentáculos do absolutismo são 80:000 baionetas!

Mas que importa, Senhores, essa espantosa desproporção, se a causa da liberdade e do infortunio tinha a seu favor no Ceu o Deus dos exercitos, e na terra a vós, ó verdadeiro Marte Portuguez, verdadeiro successor do primeiro Affonso, que inspirando a vossos seguidores um character guerreiro, como o que vos animava, por toda a parte os conduzieis á victoria?!..

Vede, Senhores, os admiraveis effeitos da presença do Libertador Guerreiro. Depois d'uma prospera batalha em

[f] *Extrema gaudii luctus occupat.* Prov. c. 14 v. 13.

Ponte Ferreira ao Norte do Douro, e um revez ao Sul em Souto Redondo, esse punhado de valentes ficando reduzido ao numero de 4:500 homens, pôde todavia dispôr-se para um assedio, que durou mais d'um anno.

De que melhor modo agora, Senhores, podereis medir e avaliar a valentia e perseverança dos soldados da liberdade com o seu bravo Conductor á frente, do que apresentando-vos um quadro dos obstaculos, que elles tinham a vencer?

Recordae-vos desses 80:000 homens, rodeando uma cidade, ao parecer, indefensavel; dessas linhas de circumvallação apoiando um exercito collossal, dessas 200 bocas de fogo, que não só de dia, mas até de noute, vomitavam para o centro da cidade a destruição e a morte; desse elemento bramidor, que interceptava a estrada militar maritima, interrompendo a communição com a esquadra. Recordae-vos outro sim dos effeitos de tanto aperto; dessa carencia extraordinaria de viveres e suas consequencias. Quantas mães morreram victimas de fome, apertando no excesso da desesperação os tenros filhinhos ao peito? Quantos paes de familia, quantos esposos, quantos amigos morreram extenuados de fome, deixando apoz de sua morte os lamentaveis effeitos da viuvez, desamparo, e orfandade no seio de numerosas familias!

Sim: por toda a parte se via estampada a lugubre palidez da fome e da morte, e (o que é mais) aggravada pela invasão do flagello da cholera, que á maneira d'animal carnivoro, veio tambem estender sobre esta cidade, já sobrejamente consternada, suas garras destruidoras. Todos os tres flagellos, com que a Providencia costuma nos dias de sua ira amargurar os miseros mortaes, carregaram com todo o seu peso sobre os habitantes desta cidade heroica.

E succumbiu acaso o Immortal Pedro? Succumbiram os seus valentes soldados? Succumbistes vós, illustres habitantes desta cidade Invicta? Oh! não; que o caracter guerreiro, constante e soffredor do heroe politico e militar, sou-

be communicar a todos os cidadãos os mesmos briosos estímulos, fazendo delles outros tantos soldados, capazes de completar as filas do exercito, que todos os dias rareavam com os combates. Vós todos sabeis de sciencia certa, como esta grande cidade, tantas vezes desgraçada, faminta, e bombardeada, a ponto de se achar no fim do cerco, reduzida a um terço de seus habitantes, supportou seus males, sem murmurar.

Talvez que os Israelitas no transito para a terra da promissão não soffressem tanto como soffreram os habitantes desta cidade. Os Israelitas chegaram a enfadar-se da longitude do caminho, e das privações, que supportaram, a ponto de murmurar contra Deus e Moyses, dizendo: — Porque razão nos tiraste do Egyto, para morrermos na solidão? Não temos pão nem agua; o nosso estomago já se nausea com essa comida mui leve. (g)— Mas os Portuenses não murmuraram assim contra o seu Libertador: podendo dizer com muita propriedade, e talvez com mais verdade que os Israelitas: — Falta-nos pão; o nosso estomago já se nausea com esta comida levissima e pouco substancial: não accrescentaram: — Porque razão nos trouxeste das terras do exilio, para morrermos nesta cidade, apertada por um estreito assedio? Por certo os Portuenses nesta renhida lucta foram um claro espelho de quanto os Portuguezes na adversidade são um dos povos mais fortes e magnanimos, a ponto de se abalçarem ás extremidades mais aventurosas.

Eu não posso, Senhores, percorrer todo o vasto campo de gloria militar, que os soldados da liberdade, dirigidos pelo valente Libertador, ganharam nas Linhas desta Cidade heroica. Fôra mister que me assistissem talentos militares, para descrever todos esses movimentos estrategicos, que deram occasião a tantos prodigios de valor coroados d'ou-

[g] *Cur eduxisti nos de Ægipto. ut morremur in solitudine? Deest panis. non sunt aquæ: anima nostra jam nauseat super cibo isto levissimo. Num. c. 21. v. 5.*

tras tantas victorias: isso é mais para a historia, do que para este logar sagrado. Contentae-vos com essa chronologia heroica que em torno de vós adorna as paredes deste Sanctuario: ella é mais que bastante para desentranhar de nosso peito os sentimentos da mais profunda gratidão e saudade.

Bastará observar, que a presença do Senhor D. Pedro é a causa primaria de tanta heroicidade militar. Elle sabia fazer-se tudo a todos — *omnibus omnia factus* —: era preciso acaso confortar o soldado moribundo pelas balas, que recebêra no campo da batalha? Taes palavras lhe dizia, que parece, exhalava gostoso a vida. Era preciso acaso consolar o soldado ferido, posto que não mortalmente no mesmo campo da gloria? As palavras de consolação, que lhe dirigia, pareciam balsamo, que lhe ia cicatrizar as feridas. Era preciso em fim alentar o soldado, quando estremeia á vista do perigo? Suas palavras lhe inspiravam certo orgulho militar, que o fazia marchar affouto ao encontro do mesmo perigo: e quando era preciso, elle proprio se expunha tambem aos perigos, como vós mesmos muitas vezes presenceastes.

Foi por esta sollicitude, por esta affabilidade, por esta beneficencia, combinadas com o seu character marcial, com a sua pericia militar, com o seu pensar systematico, que elle levou á victoria esse punhado de valentes, que das terras do exilio trouxe á patria, accrescentado depois com o povo liberal desta cidade, que soube educar na guerra.

De balde as tropas absolutistas, fanatisadas com o prestigio do famigerado Bourmont, tentaram de novo tomar esta cidade d'assalto: o Libertador Guerreiro, além das suas grandes virtudes civicas e sociaes, tinha um criterio militar, que lhe ensinára a escolher para o seu lado modernos Condés e Turennes, com cuja cooperação soube zombar daquelles, em quem as armas contrarias mais confiança depositavam. A tentativa serviu só para mais uma vez se despedaçarem as tropas do absolutismo contra as mesmas po-

sições, ante as quaes, mais de um anno, se haviam consumido em esforços inuteis.

Por este tempo o bravo Libertador com admiravel pericia mandou ao valente Duque da Terceira com dous mil e quinhentos homens tomar o Algarve que o Visconde de Mollolos occupava com quatro mil; e elle com a felicidade e rapidez de Condé, não só se apoderou de todo o Algarve, onde deixou dois batalhões; mas demais a mais, vencendo duas marchas, dirigiu-se a Lisboa, quando ahi chegava a noticia da derrota e tomada da esquadra inimiga, defronte do Cabo de S. Vicente, pelo moderno Nelson — o Almirante Napier.

O ataque do Porto por Bourmont fôra baldado, porque o proprio Libertador com o moderno Turenne — o Duque de Saldanha — commandava em pessoa as tropas liberaes, e tanto bastou para offuscar toda a gloria do General Francez. O ataque deu tempo a que Lisboa tomada pelo valente Duque se fortificasse, de modo que, quando o General Francez quiz reconquistal-a, já não pôde: quasi um anno as tropas absolutistas firmadas na posição de Santarem, repetiram as mesmas tentativas, mas foram sempre baldadas, como haviam sido em frente do Porto.

Em fim no principio de 1834 observou-se que o Senhor D. Pedro era tão pródigo e systematico, que nem o auxilio da diplomacia lhe escapou, se bem que não fez uso della, senão quando a lucta estava a terminar.

O Duque da Terceira aproximando-se pelo Norte, ameaçou a retaguarda do exercito inimigo, e o General Hespanhol Rodil, em virtude do tratado da Quadrupla Alliança, entrou em Portugal pela Provincia da Beira.

Em resultado o Principe destruidor da Carta retirou-se para Evora, onde assignou a 26 de Maio uma Convenção, pela qual se obrigava a deixar Portugal dentro em 15 dias, e a não procurar de maneira alguma para o futuro perturbar a tranquillidade do Reino.

Assim terminou o tragico drama politico-militar da liberdade e absolutismo: o mesmo Principe, que fizera tantos proscriptos, veio elle proprio a ser victima de perpetua proscipção! . . .

E' agora occasião de exclamar com um Profeta: — *Véde, ó gentes, e pasmae; porque se obrou um feito em vossos dias, que ninguem acreditará, quando lhe for narrado.* (h) Em verdade, quem acreditaria, que a liberdade, estribada em tão pequenas forças, viesse a debellar e supplantar o absolutismo firmado e apoiado em uma infantaria numerosa, em uma cavallaria soberba, em reductos formidaveis e primorosamente artelhados, em uma esquadra forte, e um reino todo fanatisado, com tudo o que teve de lutar o Libertador Guerreiro, e seus valentes soldados?!

Salve, illustre Libertador da nossa patria! Vós fostes quem, por vosso character corajoso, constante, energico, soffredor, perspicaz e systematico, obrastes esse grande prodigio: dest'arte mostrastes, que ereis um verdadeiro successor do primeiro dos Affonsos, e que o Deus de Affonso protegia a causa da liberdade: dest'arte em fim conquistastes Portugal para um povo livre, com pasmo e assombro de toda a Europa.

Assim triumpharam as armas do Grande Pedro: assim foi conquistada a Carta pelo mesmo que a outorgára: o selo da victoria veio sancionar o producto da sabedoria politica; e o Titulo fundamental da liberdade dos Portuguezes veio a inaugurar-se de novo com mais gloria e solidez.

Prouvéra ao Ceu, que o poderoso Autor e sustentaculo desta liberdade houvesse chegado a tão grande resultado, sem arriscar sua preciosa vida! . . . Mas como fôra possi-

[h] *Aspicite in gentibus et videte: admiramini et obstupescite: quia opus factum est in diebus vestris, quod nemo credet, cum narrabitur.* Habac. c. 1. v. 5.

vel, que uma vida tão curtida de trabalhos, desgostos e fadigas, não succumbisse prematuramente?!

Verdadeiramente, para fazer idea exacta das angustias e transe, que soffre um heroe politico e guerreiro, quando toma a peito libertar e felicitar um povo, fôra mister viver na alta região, em que elle se acha collocado, e escrutar os sentimentos occultos, que fazem pulsar seu coração. Mas isto a respeito do nosso heroe verifica-se d'algum modo.

Que! Não esteve elle identificado comvosco, e vós com elle por meio da mais fraternal camaradagem militar, tomando todos, como que igual e indistincta parte nas lides e fadigas da guerra? E não vistes as vigílias, o desassocego, a anciedade, as privações, os desgostos, os temores, que elle supportou de continuo; o pêzo em fim de responsabilidade, que elle tomára sobre si, e que a todos os momentos o collocava entre a gloria e opprobrio, de modo que, se evitou este, aquella lhe ficou sobre modo amarga e pesada?! Não ha duvida: uma serie infinda de trabalhos foi subtilmente corroendo os fios de vida tão importante e preciosa, até que a final chegou a epocha de se reconhecer prostrado no leito da morte. E vacillaria neste terrivel momento a heroicidade do Senhor D. Pedro? Parece que não: ainda mesmo nessa hora fatal elle apparece um heroe moribundo, sempre igual e coherente com sigo mesmo.

TERCEIRA PARTE.

QUEM de vós, Senhores, ignora, essa pathetica scena de humildade, lhaneza, e gratidão, essa admiravel alliança do character marcial com a humildade christã, que o Senhor D. Pedro apresentou ao mundo, quando depois de receber os confortos da Religião, animado por elles a assignalar os ultimos momentos de sua existencia com um rasgo de virtude heroica,

abraçou ternamente um dos humildes, mas valentes soldados, que tantas vezes conduzira á victoria?

Nesta hora extrema eu o vejo, qual astro luminoso, que prestes a eclipsar-se, é então que diffunde todo o seu brilho: é neste ultimo sacrificio de sua elevação e grandeza que eu vejo o cumulo de sua gloria, e acho tambem o cumulo de minha admiração. A hora derradeira é assustadora para todos os mortaes; mas principalmente para aquelles, que estão vinculados ao mundo com cadeas d'ouro: haja vista áquelle Rei de Amalec, que ao vêr-se ameaçado dos horrores da morte, todo espavorido exclama: — Pois será força, que as amarguras da morte me venham separar do que tanto amava?!.. (i)

Porém o nosso heróe, apparece isempto de tanta baixeza e cobardia. A morte adiantando-se para elle a passos lentos, da-lhe tempo a que as inspirações da religião lhe façam conhecer, quanto é deploravel e humilhante a situação d'um Principe, que, na força dos annos, e vivendo no seio das bonras, se vê prestes a trocar a magnificencia d'um palacio, onde tudo se empenha em cumprir suas vontades, pelos horrores e soidão do tumulo!...

E' por isso que nos ultimos momentos de sua vida elle já se não considera rodeado do lustre e esplendor, que lhe granjeava a multiplice cathegoria, de que havia sido revestido: já se não considera Imperador, Rei, Duque de Bragança, heróe politico, heróe militar; mas sim identificado e confundido com um humilde soldado valente, a quem dá terno amplexo, que transmitta aos companheiros!

Apontae-me, Senhores, entre os antigos ou modernos, um heróe, que tivesse um fim tão digno de si mesmo. Como morreram Aristides e Themistocles? Condemnados ao ostracismo; e o segundo vendo-se na necessidade de se suicidar com veneno, para não fazer guerra á sua, posto que ingrata, patria, seguindo as partes dos Persas, onde tinha achado azylo.

[i] *Sicci-ne separat amara mors?* 1. Reg. c. 15. v. 32.

Como morreu Alcibiades?

Recebido em Athenas, como um Deus, logo expulso, como salteador, a final transfuga entre os Persas, foi morto, por diligencia de Lysandro.

Como morreu esse heróe, que victorioso percorreu todo o Oriente com a rapidez do raio, e para cuja ambição a vastidão do Universo ainda era pequena; esse heroe, de quem guardar silencio (como diziam os antigos) era melhor do que dizer pouco? Sabeis que fallo de Alexandre Magno.

Morreu em Babylonia entregue aos excessos da intemperança.

Como morreu esse heróe romano, vencedor de Juba, Sci-pião, e Catão; esse heróe não só eminente nos dotes Imperatorios, mas até na eloquencia aproximado a Tullio? Fallo de Cezar. —

Morreu no Senado varado pelos punhaes dos Senadores.

De que modo morreu em fim esse heroe dos nossos dias, que d'um seculo inteiro foi o pensamento e a vida, que ora abalou, ora firmou a Europa toda, cujo nome se inscreveu com caracteres sanguinolentos sobre o bronze e sobre o mármore, sobre o peito dos bravos, e sobre o coração mesmo dos escravos, que atropelava debaixo do carro da victoria?

Ah! Cahiu do sublime fastigio de grandeza e poderio, a que tinha subido, sobre esse rochedo deserto, que as tempestades açoutam, vendo dahi seus inimigos dilacerarem-lhe a purpura Imperial, e a Sorte, essa Deidade, que tanto favorecera sua audacia, conceder-lhe por ultimo favor, esse pedregozo e isolado espaço entre o throno e o tumulto !!!

E como morreu o nosso heróe? Oh! que honrosa disparidade!

Elle assignala os ultimos momentos de sua existencia com humilhantes e caritativas expressões, dignas, por certo, de quem estava lançando o pé ao lumiar da Eternidade!

Transmitte (diz elle a um desses valentes soldados, que tantas vezes conduzira á victoria) transmitte a teus cama-

radas este abraço, em signal da justa saudade, que me occupa neste momento; e do apreço em que sempre tive seus relevantes serviços. — Reis da terra, e heroes do mundo vinde aprender a morrer!...

Religião de Jesu Christo, só tu podias inspirar tão edificante humildade, como para neutralisar algum tanto a dor, que dilacerava o coração do Libertador Portuguez, ao fi-tar pela ultima vez eclipsados olhos sobre os objectos mais caros, que era força não tornar a vêr! Mas que doloroso lance! Deixar uma Filha, objecto de tanto amor e sacrificios, exposta aos vaivens politicos! Nunca mais ter de vêr o natural sorrizo d'uma Esposa idolatrada, companheira de suas penas, e participante de sua gloria! Morrer como Sobieski, entrevendo o germen das discordias, que depois de sua morte deviam amargurar o paiz, que tanto amára! Que pesado martyrio soffre neste momento seu coração de Pae, seu coração d'Esposo, seu coração d'Amigo de todos os Portuguezes! Embora. Eu o contemplo neste momento tão pio e resignado, como Ezechias, e dizendo ao seu exemplo — Vêde, Senhor, com olhos de misericordia vosso servo humilhado debaixo de vossa mão omnipotente. Soberano Senhor do Universo, eu reverente me submetto a vossos adoraveis decretos: é justo, que eu vos torne o que recebi de vós, com preferencia aos outros mortaes; feliz, por vos poder immolar uma victima mais nobre, e por ter maiores sacrificios, que offertar-vos! Esquecei-vos porém, oh meu Deus, das fragilidades, das fraquezas de meu coração; pois quem é o homem, quem é o Principe irreprehensivel diante de vós? Reconhecei a pureza das intenções, o zelo sincero, que sempre me animou em emprehender e consummar a obra da liberdade.(k)

Emfim não ha remedio... A natureza succumbe... O termo da existencia é chegado... Morre Sua Magestade

[k] *Obsecro, Domine, memento, quæso, quomodo ambulaverim coram te in veritate, et in corde perfecto. 4 Reg. c. 20.*

Imperial e Real o Senhor D. Pedro d'Alcantara Bragança e Bourbon! Já não existe o Sabio Legislador, o Amigo e Protector dos Portuguezes, o seu valente Libertador! Oh! Terrivel lei da mortalidade universal! Quanto és funesta! Quanto és fatal!

Mas embora; que sua vida foi uma continuada serie de feitos dignos d'um heroe politico e guerreiro; e sua morte — o triumpho do Christianismo sobre o nada das grandezas humanas. Viveu como heroe, e como heroe expira!...

Eis-aqui porém o que nos reúne neste Templo: é o amor de filhos, é a magoa, como d'uma esposa, que nos ajunta mais uma vez neste dia periodico em torno de seu tumulo, para humedecermos com doces lagrimas de saudade e gratidão os tristes restos de sua preciosa existencia.

Facta est quasi vidua domina gentium: princeps provinciarum plorans ploravit.

Que me resta agora, Senhores? Um dever ainda impreterivel! Atéqui eu vos tenho fallado mais como Orador Politico, do que como Orador Sagrado. Permitti pois, que ainda que brevemente, eu preencha este meu segundo e principal mister: permitti, que eu neste momento seja o interprete dos queixumes daquelle Generoso Coração, que acolá está depositado para nos dar lições de verdadeira liberdade.

Parece-me, que ouço uma tremenda voz partir daquelle precioso e venerando Deposito, circuitar por entre aquella funebre pompa, e retumbar pelas abobadas deste magestoso Templo, dizendo-nos:

Portuguezes! Que uso haveis feito da liberdade, que vos outorguei por minha sabedoria politica, e que vos restabeleci e consolidei por meio de minha valentia militar?

Acaso as vigalias, as fadigas, os sacrificios todos, que eu supportei para vos dar a liberdade, não eram dignos de melhor resultado, do que essas caprichosas oligarchias da parte dos governantes, e esses partidos mutuamente ranco-

rosos, injustos, e desarrasoados da parte dos governados, o que tudo ha feito degenerar a mesma arvore da liberdade, por mim plantada com tanto desvelo, e regada com o sangue de tantos bravos?

Assim por certo não póde essa arvore salutar cobrir-vos com a sua benefica sombra, nem derramar entre vós os desejados fructos de paz, abundancia, e prosperidade.

Nesta propria cidade, que eu escolhi para perpetua morada de meu coração, e que eu denominei Invicta, tem havido scenas de discordia e divisão intestina, que me tem profundamente amargurado. Ah! Poupae tanto desgosto a um coração, que tanto vos amou. . . Vivei d'ora em diante, como grei, que pertence a um só aprisco, dirigida pela mão do mesmo Pastor, e guiada pela voz de uma só crença politica.

Estou persuadido, Senhores, que estas palavras, que eu attribuo aos venerandos Manes do saudoso Libertador, elle proprio as disséra, e com mais força, se vivo fôra. Eu em confirmação dellas accrescento, que é mister chegue uma epocha d'harmonia e fraternidade entre todos os Portuguezes: é necessario, que todos os partidos se tolerem não só por principios de tolerancia politica, mas tambem por principios d'uma tolerancia verdadeiramente christã. E porque não? Qual dos individuos, pertencentes aos diversos partidos, pode (para me servir da frase do Evangelho) pegar da pedra e arroja-la á adúltera?

Todos os partidos tem errado: todos temos culpa nos males da nossa desolada patria. E' necessario portanto, que todos, reunidos em volta do tumulo do Saudoso Libertador, juremos sobre as suas cinzas uma verdadeira reconciliação. Eu não tenho autoridade, Senhores, para vos impôr esse juramento; mas tenho-a, para vos dizer com o Apostolo S. João: — Carissimos, amemo-nos uns aos outros; porque a caridade provém de Deus. E todo o que ama o proximo, é filho

de Deus, e tem conhecimento de Deus. (1) Só assim podereis recobrar a unção primitiva da liberdade, que o Libertador vos inspirou: só assim vos podereis conformar com uma Religião cujo espirito é todo mansidão e caridade.

E vós Excelsa Filha do Immortal Pedro! Moderae a dôr, que hoje vos afflige, assim como a esta cidade Invicta. Vossas indisputaveis virtudes vos dão direito a um reinado feliz e dilatado. Não o haveis tido muito satisfactorio, é verdade: parece, que desde o berço fostes destinada para provar vossa virtude na adversidade; tendes visto o rancor dos partidos e o frenesi das revoluções amargurar vosso reinado, e desacatar as Instituições, que vosso Pae sabia e corajosamente plantou; porém são essas mesmas adversidades que tem patenteado vosso animo varonil. Foi pela constancia e perseverança, que vosso Pae plantou e consolidou a liberdade em Portugal; é pelas mesmas virtudes, que vós a deveis sustentar.

Animo pois, Senhora! Fazei que o vosso Goveruo moralise os partidos, trilhando a verdadeira senda da tolerancia e legalidade; e um dia virá em que os nossos vindouros, sentados sobre a nossa campá, dirão: — Maria 2.^a, não menos virtuosa e religiosa que a 1.^a, seguindo as pisadas de seu sabio e corajoso Pae, preparou-nos dias de perfeita liberdade.

Disse.

[1] *Charissimi. diligamus nos invicem; quia charitas ex Deo est. Et omnis qui diligit, ex Deo natus est, et cognoscit Deum.*
1.^a Epist. Joan. cap. 4. v. 7.

de Deus e sem comprometimento de Deus. (1) Se assim pode-
 reis receber a minha primitiva da liberdade, que o La-
 bertador vos inspirou: se assim vos poderis conformar com
 uma Religião cujo espirito é todo mansidão e caridade.
 E vos excito Filha do Amoroso Pedro, Abade-
 que a vós, que hoje vos alligae, assim como a esta
 cidade assiste. Vosas reprehenderei quando vos não
 direis a um tamanho laiz e dilataste. Não o haver
 tido muito satisfactorio é verdade: porém, para não
 de o porte fustes destinada para proveer vossa cidade em
 abreviadas: fustes visto a favor dos pastores e o honra-
 ri das vossas: e a respeito vossas vossas e a vossas: e a vossas:
 lanchadas que vossas: e a vossas: e a vossas: e a vossas:
 porco são essas vossas: e a vossas: e a vossas: e a vossas:
 vossas vossas: e a vossas: e a vossas: e a vossas:
 que vossas: e a vossas: e a vossas: e a vossas:
 gal: e para vossas: e a vossas: e a vossas: e a vossas:
 A vossas: e a vossas: e a vossas: e a vossas:
 hec as vossas: e a vossas: e a vossas: e a vossas:
 e legem: e a vossas: e a vossas: e a vossas:
 sentidas sobre a vossas: e a vossas: e a vossas:
 nos vossas: e a vossas: e a vossas: e a vossas:
 seu vossas: e a vossas: e a vossas: e a vossas:
 vossas:

(1) Chamadas, alligadas nos vossas: e a vossas: e a vossas: e a vossas:
 est. de vossas: e a vossas: e a vossas: e a vossas:
 1.º Epist. João. cap. 4. v. 7.

Faint, illegible text, possibly bleed-through from the reverse side of the page.

